



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

LETRAS

VALDENORA GOMES DE ARAÚJO LIMA

**A ALTERIDADE NA OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”
DE MILTON HATOUM**

**BRASÍLIA – DF
Dezembro/2011**

VALDENORA GOMES DE ARAÚJO LIMA

**A ALTERIDADE NA OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”
DE MILTON HATOUM**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como Orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

BRASÍLIA – DF
Dezembro/2011

VALDENORA GOMES DE ARAÚJO LIMA

**A ALTERIDADE NA OBRA “RELATO DE UM CERTO ORIENTE”
DE MILTON HATOUM**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como Orientadora a Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia (Orientadora)

Profª Drª Maria Eneida Rosa (UniCEUB)

Profª Especialista Maria Helena Viana de Souza (UniCEUB)

Dedico este trabalho a minha amada filha, razão da minha vida Helena, ao meu pai adotivo Amphilóquio por toda dedicação, carinho e por tudo que já fez e ainda faz por mim.

Agradeço primeiramente a Deus por ser minha luz, por guiar meus passos e me abençoar com seu amor de pai. Agradeço ao meu marido Henrique por todo o esforço, ajuda e companheirismo em todos os momentos. Agradeço também a minha professora e orientadora Ana Luiza Montalvão Maia pela sua dedicação, empenho e sabedoria para a realização deste trabalho.

“Mas a generosidade revela-se ou se esconde no trato com o Outro, na aceitação ou recusa do Outro”.

(Milton Hatoum)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar a relação entre a alteridade e a Literatura Brasileira Contemporânea, reforçando a importância da leitura de obras que abordam temas atuais e que possam fazer parte do desenvolvimento e da capacidade de formar novos leitores literários no ensino médio.

O objetivo desta pesquisa é propiciar e discutir, em sala de aula, o conceito de alteridade como sinônimo de tolerância. É sabido que se vive em contextos em que se olha o Outro, mas não se vê o Outro – a escola tem sido um grande campo de observação e estudo – seja pela intolerância física, seja pela intolerância simbólica. A obra “*Relato de um certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum, procura diminuir a intolerância pela alteridade, pela aproximação do multiculturalismo: a cultura oriental e a cultura amazônica. Hatoum não tem uma fórmula mágica, mas ensina os caminhos para que os obstáculos sejam menos dolorosos.

Palavras-chave: alteridade – leitura – culturas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: Literatura e Alteridade.....	9
CAPÍTULO 2: A alteridade na obra “Relato de um certo Oriente” de Milton Hatoum.	12
CAPÍTULO 3: Plano de Aula.....	18
3.1 PRIMEIRA AULA.....	19
3.2 SEGUNDA AULA.....	21
3.3 TERCEIRA AULA.....	22
3.4 QUARTA AULA.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a realização deste trabalho refere-se à análise da questão da alteridade na Literatura Brasileira Contemporânea a ser aplicada em sala de aula. O objetivo desta pesquisa é compreender a categoria da alteridade, presente na sociedade atual, a partir de textos literários, mostrando exemplos como este tema que é importante para o desenvolvimento da consciência crítica nos/dos alunos do ensino médio.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica para analisar alguns conceitos de alteridade na Literatura Brasileira Contemporânea, constituindo, assim, um suporte para o objeto de estudo, a obra “*Relato de um certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum.

No primeiro capítulo, são definidos conceitos de alteridade e sua relação com a Literatura Brasileira Contemporânea; no segundo capítulo, analisa-se a questão da alteridade em um trecho da obra “*Relato de um certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum; e, no terceiro capítulo, construiu-se a relação teoria e prática ao ser elaborado um Plano de Aula, em que a teoria explícita nos dois primeiros capítulos sejam apreendidas em sala, possibilitando uma melhor relação de ensino-aprendizagem.

Hatoum trata a questão da alteridade, observando que o mundo não tem fronteiras. O olhar o Outro com o sentido de ver e de ouvir, fazendo com que ainda se possa acreditar que, segundo o crítico palestino Edward Said, “não existam territórios delimitados entre oriente e ocidente”¹.

¹ SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 31.

CAPÍTULO 1

Literatura e Alteridade

A alteridade tem o significado de se colocar no lugar do outro, na relação interpessoal, levando em conta a consideração, a valorização, a identificação e o diálogo com o outro. A prática da alteridade está ligada a relacionamentos entre indivíduos, grupos culturais religiosos, científicos, étnicos, entre outros.

A relação da alteridade está presente nos fenômenos holísticos, no qual significa a sua totalidade, a complementaridade e a interdependência, no modo de pensar, agir, sentir e se manifestar, onde o modo de vida de cada espécie está no seu *habitat* natural. As experiências particulares são preservadas sem que haja a preocupação com a destruição, semelhança ou sobreposição das mesmas.

A alteridade, ou o Outro, é a relação pela qual existimos enquanto sujeitos, somos à medida em que nos constituímos em relação ao outro, podemos perceber nossos próprios limites quando estamos junto com o outro, e notamos que nem tudo está sob nosso domínio, nossas vontades. É o que possibilita o “eu”, a identidade, e sermos capazes de apreender o outro na sua plenitude, dignidade, nos seus direitos e principalmente nas suas diferenças.

A origem da alteridade surge devido a uma contextualização da contemporaneidade e sua importância é fundamental para os estudos literários. Para os educadores o surgimento da alteridade vem para amenizar vários conflitos e fazer com que os alunos, os professores e a sociedade possam conviver com as diferenças, sejam elas étnica, política ou de gênero.

A narrativa contemporânea, além de figurar entre o real e o surreal, procura explorar cada vez mais as dimensões do inconsciente humano, bem como as lacunas de memória que caracterizam este inconsciente. Voltar ao passado, ou seja, lembrar é um jogo de interpretação de símbolos e significados que tenta unir duas pontas: o passado real com o passado imaginado. Não há como estabelecer uma divisão entre realidade e ilusão, mas sim observar concepções de realidade entre distintos modos de visão.

O objeto de estudo da monografia “*Relato de um certo Oriente*” (2008), cuja primeira edição foi lançado em 1989, de Milton Hatoum, narra episódios de uma história que se inicia em Manaus no final do século XIX e termina em anos recentes. O que mais impulsiona a narrativa é a incapacidade de resgatar o tempo perdido pois, por mais vivas que sejam as lembranças, elas são banhadas pelas águas do esquecimento; e a tensão na escrita por querer dar conta da fugacidade dessas lembranças, tentando preencher o vazio do esquecimento com a voz do outro.

A questão da alteridade vem repercutindo nos trabalhos de pensadores atuais, da segunda metade do século, ao tratar as modalidades do estrangeiro no encontro do desconhecido, quando a ação do romance está dentro da realidade brasileira, revelada através do contato com o Outro, através do olhar do Outro. Existem momentos importantes na produção do romance brasileiro, a narrativa que tem como tema a imigração e também códigos culturais diversos.

É possível encontrar uma estratégia de vários questionamentos, apoiados no confronto com o Outro, na relação entre identidade e alteridade.

A poética da Alteridade dá certo destaque às diferenças da cultura, à encenação da outridade, às várias formas de alteridade exibindo uma das funções da literatura. Segundo Jean Bessière, o de dizer o que deverá ser dito do Outro, o de anunciar a presença do Outro invisível, a espera do Outro.

As narrativas que se juntam a poética da alteridade se articulam diante da possibilidade de nos reconhecermos perante o Outro, de nos descobirmos e sermos confrontados com nós mesmos. A alteridade não significa comparar o Outro, mas a diferença que nos faz conhecermos o ser, de estar no lugar do outro.

Pode-se notar que, nos tempos contemporâneos, as identidades se multiplicam. Ao mesmo tempo em que se fragmentam, o indivíduo passa a adquirir, cada vez mais, novas identidades, passando também a se diferenciar perante o Outro.

Nas convenções literárias, o autor escreve como se fosse o outro, a tensão entre o “eu” oculto e o “eu” revelado. Os movimentos de vanguardas, do início do século passado, contribuem também para configurar a narrativa contemporânea por meio da ruptura com a sintaxe tradicional, em textos fragmentados com vários sentidos. A transgressão é uma das características dos textos modernos, o

confronto entre a visão do eu e o Outro. Segundo Jean Marc Moura, das narrativas contemporâneas que se constroem em torno de uma viagem retrospectiva, relatando um encontro com a alteridade.

De acordo com Bakhtin², em seus estudos, o uso dos diferentes tipos de discurso, na língua literária. Para ele, a variante mais utilizada na literatura contemporânea consiste na utilização do discurso “oculto” no contexto narrativo, tendo lugar no discurso direto do personagem. Além do diálogo entre os personagens e o narrador, está presente o receptor-leitor do romance.

Percebe-se que, na obra em análise, a narradora é a receptora dos depoimentos feitos e relatados ao seu irmão distante, e aos leitores, fatos estes que devem ser passados a todos. A narradora passa a ser a editora do texto, ela colhe os depoimentos para então formar o “*Relato de um certo Oriente*”, *corpus* da pesquisa.

A alteridade é a palavra-chave para superar os vários preconceitos, a individualidade e a impessoalidade, fatos que marcam e caracterizam a contemporaneidade, gerando, conseqüentemente, a intolerância e as diferenças, sejam eles físicos, psíquicos e culturais, são pontos atuais da Literatura Brasileira Contemporânea. Observa-se que há vários caminhos que se abrem à literatura, em suas formas e procedimentos. Atualmente a alteridade é de grande importância para os estudos literários.

No capítulo 2 será feito um estudo sobre a categoria da alteridade, presente na obra “*Relato de um Certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum. Sua literatura rompe a tradição e renova a arte de escrever, com novas tendências em vários aspectos, abrindo novos caminhos com temas voltados para a condição humana e revelando a diversidade cultural, produzidas no fim do século XX.

² Mikhail Bakhtin: Filósofo linguista, estuda a linguagem.

CAPÍTULO 2

A alteridade na obra “Relato de um certo Oriente” de Milton Hatoum

O romance “*Relato de um certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum, está dividido em oito capítulos e o enredo mostra o drama e as dificuldades enfrentadas no dia a dia de uma família libanesa, em que seus comportamentos, seus segredos e suas diferenças são relatados através de lembranças de cada um deles.

O enredo inicia-se pela volta, à cidade de Manaus, da filha adotiva de Emilie, a matriarca mãe de quatro filhos e acolhedora da narradora e de seu irmão distante, que também narra sua história e sua convivência com a “idolatrada” mãe. Ao chegar ao local onde passou sua infância, começa a lembrar de como foi a sua vida, de cada canto da nova, e da antiga, casa; da triste convivência com os quatro filhos de Emilie, dois inomináveis filhos adolescentes odiáveis, ruins e problemáticos, com nomes de Hakim e Samara Délia. Esta teve uma filha, aos dezesseis anos, (chamada Soraya Ângela) que nasceu surda e muda e que morreu em um terrível acidente aos seis anos de idade. A narradora, ao decorrer da história, através de suas lembranças e da memória de outros personagens como seu tio Emir, seu amigo Dorner, e de seu pai árabe (inominável), um homem generoso e solitário que também conta um pouco de sua história de como conheceu e se apaixonou pela libanesa Emilie, que mesmo tendo suas tradições, religião e costumes diferentes, um respeitava o outro e, com amor, conviveram por muitos anos juntos. Os narradores relembram, através de suas memórias, o passado e a convivência em meio dos conflitos e os bons momentos que tiveram no lar de Emilie, como em suas festas comemorativas, a comilança e orações.

Ao decorrer do enredo a narradora escreve ao seu irmão distante, relata em suas cartas vários acontecimentos, principalmente sobre a morte inesperada de Emilie, que já viúva e sem os filhos por perto, ao ligar para sua antiga casa, tenta se comunicar, talvez pedir socorro ou até se despedir da narradora, que morre sem que ninguém possa ajudá-la. Esta é encontrada por sua empregada, que desesperada a ampara e comunica sua morte. Os filhos, o irmão e os amigos se despedem de Emilie e relembram de muitos momentos que tiveram ao seu lado. O romance se

torna uma aventura do conhecimento, das lembranças e da memória.

A categoria da alteridade é bem marcada na obra “*Relato de um certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum, objeto de estudo da monografia. O *locus* de enunciação é a cidade de Manaus, cujos aromas e mistérios envolvem o leitor na viagem de memória de sua narradora. Contudo, a inversão das ações na paisagem amazônica não se dá por causa do exotismo das belezas naturais do lugar, nem se atém à exploração da figura do índio massacrado pela tirania colonizadora, nem mesmo à presença marcante do imigrante europeu em busca de enriquecimento em terras brasileiras.

Embora todos esses elementos possam ser percebidos, Hatoum ultrapassa esses tópicos a favor de outra tematização literária. Há, em primeiro plano, o trabalho de memória em confronto com o esquecimento, que percorre dois mundos que se mesclam e que dão a conhecer no texto, através das experiências dos personagens: o mundo manauara e do imigrante. Esses mundos interpenetram-se e delinham-se pela saga da família libanesa radicada em Manaus, inscrevendo no ambiente amazônico um “certo oriente”. O passado dessa família é reestruturado pelos relatos das personagens, cujas vozes são emolduradas nas vozes dos respectivos narradores manauaras, filhos agregados desses imigrantes. Como contorno dessa moldura, a trajetória sinuosa da memória percorrida pela narradora inominada da obra “Relato”.

Essa narradora inominada vive o drama de, simultaneamente, pertencer e não pertencer aos dois mundos: o amazônico e o libanês. Assim a relação mútua, entre esses territórios, resulta na imagem de mundos encaixados, segundo Tânia Pellegrini:

São como territórios concêntricos, um dentro do outro: a Manaus real e seu duplo, a Manaus imaginária; dentro, a colônia libanesa, no centro da qual as casas das famílias avultam como espaço privilegiado. Desses territórios fecundos aos quais corresponde a própria forma narrativa, montada com relatos que brotam um de dentro dos outros, Hatoum extrai sua matéria, construída por uma malha cultural variada e típica, baseada na interrelação entre imigrantes, estrangeiros e nativos, que estabelecem relações de identidade e de estranhamento com o mundo diverso, no qual um difuso sentido de perda está sempre presente.³

³ PELLEGRINI, Tânia. *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*. Luso Brazilian, n.41, v.1, 2001, p.121-135.

Nesse contexto, a Manaus onde se encenam as histórias de Hatoum projeta-se nas narrativas muito mais como lugar de desejo, como espaço geográfico. O território delimitado pelo autor, com características tão peculiares ao lugar em que conviveram nativos da Amazônia, imigrantes e regatões, ultrapassa a formulação regionalista exótica que é relativizada pela ambiência em um território muito particular pela memória, sustentada ao mesmo tempo pela lembrança e pelo esquecimento.

Como procedimento recorrente nos romances de Hatoum, a ideia de diferença e da alteridade é radicalizada em vista da valorização em dar voz ao outro e dar ouvido à voz do outro. Na obra *“Relato de um certo Oriente”* (2008), de Milton Hatoum, há alguns personagens “contadores” que representam o suporte dos relatos de que se vale a narradora para o propósito de dar voz ao outro e dar ouvido ao outro.

É importante destacar o trecho citado no capítulo 1, (p. 22-24):

(...) Ao fim de quatro meses de propostas e contrapropostas, ficou acertado que não apenas o relógio, mas também os espelhos e lustres venezianos, as cadeiras art-decô e um jogo de talheres de prata com cabo de marfim ficariam em posse de Emilie; esta, no jogo paciente e obstinado do toma-lá-dá-cá, ofertou ao marselhês duas peças de tecido importado de Lyon e um papagaio dotado de forte sotaque do Midi e capaz de pronunciar “Marseille”, “La France” e “Soyez Le bien venu”. Separar-se do papagaio foi penoso para Emilie, porque lhe fora presenteado por Hindié Conceição, que durante muito tempo amestrou o aracanga na arte de bem falar. Da sua moradia suspensa, construída no meio do pátio dos fundos da Parisiense, ele rezava uma Ave-Maria, citava um versículo Deuteronomio e no início da noite e nas manhãs ensolaradas as palmas de Emilie ritmavam a canção predileta das duas amigas: “Baladi Baladi”. Ao anoitecer os fregueses e visitantes mais distraídos pensavam tratar-se de uma transmissão radiofônica em ondas curtas, de uma novena ou missa realizada no outro lado do oceano. Parece que vovô os corrigia, dizendo-lhes “aqui no Amazonas os que repetem as palavras dos apóstolos são cobertos de penas coloridas e cagam na cabeça dos ímpios.” Emilie sabia que Laure, ao emitir cânticos com vozes de brinquedo de dar corda, irritava o marido ao ponto de mantê-lo sempre afastado do pátio. No entanto, ela só começou a desencantar-se com a ave quando esta embirrou com uma das empregadas que serviu à família, antes da chegada definitiva de Anastácia Socorro. Era uma negra órfã que Emilie escolhera entre a enxurrada de meninas abandonadas nas salas da Legião Brasileira de Assistência; estava tão faminta e triste que havia esquecido seu nome e sobrenome e só se comunicava através de gestos e suspiros. Laure, no primeiro contato com a novata, antipatizou com ela: recusava-se a bicar as bananas e os mamões, a ingerir a tapioca servida pela doméstica e interrompia uma canção ou uma reza ao notar a presença da menina no pátio. Emilie tolerou essa birra por algum tempo, mas dispensou a empregada no dia em que Laure amanheceu com o bico coberto por uma pasta que era a mistura de uma baba gosmenta com sal. Desde então, a ave silenciou. Nos meses de negociação com o marselhês, Hindié levou o papagaio de volta à sua casa,

empenhou-se arduamente para que ele recuperasse a voz e logrou ensinar-lhe algumas frases em francês. O marselhês ficou tão impressionado com a desenvoltura fonética da ave que, temendo a sua fuga, aparou-lhe as penas, construiu-lhe uma gaiola de bambu e, contrariando o sexo do animal rebatizou-a com o nome de Strabon. Os franceses e clientes do restaurante “La Ville de Paris”, situado na rua do Sol, ficaram surpresos ao ver uma gaiola quase do tamanho de uma jaula, pendendo sob o eixo do ventilador de teto: a gaiola oscilava e girava como um móbil gigante flutuando à deriva no meio do pé-direito de oito metros. Só quando as palhetas do ventilador paravam de girar é que era possível enxergar Strabon, encolhido, as penas eriçadas e a cabeça enfiada no corpo. Livre das rajadas de vento, a ave recobrava sua forma original: o calor lhe devolvia a plumária furta-cor e o jeito sobranceiro, e uma voz grasnante repetia a última frase aprendida: “Je vais à Maseille, paz toi?”. Uns riam sem compreender, outros se entristeciam porque o porto para onde Strabon se destinava era-lhes impossível e só aguçava a nostalgia do Midi distante. Emilie, por sua vez, enfureceu-se ao saber que o marselhês expunha Laure ao vendaval artificial para que o animal se aclimatasse, desde já, às lufadas de vento frio do inverno europeu. Um dia resolveu ir até o restaurante, mas estacou diante da porta ao ver a colônia francesa concentrada debaixo da gaiola e olhando para cima enquanto um cego acompanha no acordeão a marselhesa, entre garrafas de vinho tinto e champanhe. Voltou para casa indignada e desabafou:

- Com tantos galos soltos por aí, decidiram fazer de um papagaio o símbolo da Pátria. Só falta transformar a minha bichinha numa arara tricolor.⁴

Narrado pela voz de um narrador hetero e extradiegético, ou seja, ele narra uma história que já acabou, da qual não faz parte. Constata-se a partir daí uma focalização interna, acentuada pelo elo psíquico entre narrador e leitor, marca incontornável dos romances memorialistas.

A sensibilidade do autor, no que diz respeito à sua origem libanesa, e a relação dessa cultura com outra, transparece aos olhos do leitor através de elementos, tais como: 1) a influência francesa na cultura libanesa; 2) a adaptação, ou não, do imigrante à terra prometida; 3) a exclusão do imigrante que se recusa à adaptação; 4) a aculturação, que servirá para mostrar quanto todos susceptíveis à hibridez.

Estes elementos citados passam pelo olhar, peça fundamental que propicia a busca de identidade pessoal, a integração do imigrante e as consequências do progresso imigratório. Os espelhos, adquiridos por Emilie no início do trecho, representam o olhar das personagens sobre si mesmas, a alma exterior delas refletindo a imagem subjetiva e fornecida que muitas têm de si, como aflição de ser eu mesma e não ser outra. O espelho é o primeiro elemento que induz à reflexão

⁴ HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.22-24.

acerca da identidade e da concretização da assimilação do imigrante, que passa impreterivelmente pelos olhos do autóctone.

1) O espelho adquirido juntamente com outros objetos de decoração de estilo francês. Aliás, a cultura francesa é fortemente presente ao longo do trecho. Ela é reflexão dos tempos que o Líbano, há quem fale francês, quem aprecie a culinária francesa, quem tenha adquirido o gosto por objetos de decoração pertencentes a movimentos provenientes da França, enfim, há quem tenha integrado um pouco o estilo de vida francês ao libanês. O autor realça esse aspecto por meio do exemplo da cadeira art-decô, do nome do restaurante francês, de nomes de personagens ou animais. É interessante também observar a precisão da referência ao sotaque marcelhês do papagaio que falava francês ao irmão de Emilie, quando da passagem deste por Marseille, o que remete a uma parte direta Marseille-Líbano-Manaus.

2) Em seguida, a questão da adaptação do imigrante libanês em relação a Manaus é exemplificada através da citação de um versículo do Deuteronômio, livro do Antigo Testamento, escrito por Moisés, no qual ele faz recomendações aos israelitas, quando estes se prepararam para entrarem na terra prometida. A repetição sistemática do texto bíblico serve, sobretudo para se manter a origem libanesa sempre fresca na memória, vem deixar de lado as expectativas positivas ou negativas em relação à terra desconhecida, o momento em que tudo começou, quando o primeiro membro da família de Emilie chegou ao Brasil. Aliás, essa família composta por comerciantes bem sucedidos, era bem estabelecida financeiramente, o que facilitou sua aceitação pela sociedade manauara.

3) Supõe-se a rejeição ao imigrante que não se enquadra aos padrões de comportamentos vigentes pela cultura da terra que o acolhe. Essa questão é exemplificada pela menina da Legião Brasileira de Assistência que fora trabalhar na casa de Emilie, diferente de todos, e que foi imediatamente antipatizada pelo papagaio Laure, suscitando a vingança que acarretou em sua demissão. Há também a menção do nome Strabon, com o qual Laure foi rebatizado pelo francês dono do restaurante.

4) Não se pode deixar de mencionar a questão de aculturação, processo voluntário (ou imposto) pelos autóctones aos imigrantes, fragilizados numa situação entre dominantes e dominados, o que é exemplificado pela troca de nome do papagaio, de Laure para Strabon, nome que vem de estrabão, termo dado pelos romanos aos portadores de estrabismos, os que deformam a realidade, os que

recusam a realidade que lhes é imposta, vivendo reclusos no meio social restrito, onde só praticam o idioma e a cultura natais.

A nova realidade imposta é exemplificada na passagem em que o papagaio é vendido ao marselhês, dono do restaurante que o pendura numa gaiola sob o ventilador para que se aclimate ao frio europeu. A aclimação forçada remete à imposição de nova cultura, forma agressiva de se arrancar do imigrante os elementos de sua cultura natal e lhe impor brutalmente a cultura do país que o acolheu.

Todos esses diferentes pontos de vista acerca do imigrante servem para mostrar que se é susceptível ao fenômeno de hibridez. Uma pessoa que deixa sua terra natal traz em si certa bagagem cultural adquirida desde o nascimento e a mescla à cultura da terra que a acolherá. O fenômeno se reproduzirá, assim por diante, à medida que ela continuar a se movimentar em novas terras.

Em suma, nesse trecho da obra "*Relato de um certo Oriente*", Hatoum tratou, dentre outras coisas, da hibridez do imigrante libanês no Amazonas que traz em si um pouco da cultura mesclada à libanesa que será, por sua vez, mesclada à manauara.

No capítulo 3, o trecho retirado da obra "*Relato de um certo Oriente*" (2008), de Milton Hatoum, é examinado pelo viés da alteridade e será organizado, didaticamente, para sua aplicabilidade em sala de aula.

CAPÍTULO 3

Plano de Aula

Professora: Valdenora Gomes de Araújo Lima.

Escola: Centro Educacional 01 do Cruzeiro. **Turma:** 3º ano do Ensino Médio.

Disciplina: Literatura Brasileira. **Duração:** 4 aulas de 50 minutos.

Assunto: A Literatura Brasileira Contemporânea e a obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum.

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	PROCEDIMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> Compreender as características da ficção brasileira contemporânea. Compreender aspectos da ficção brasileira contemporânea na obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum. Compreender a categoria da alteridade na ficção brasileira contemporânea na obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum, com vistas a diminuir a violência ou exercitar a tolerância. 	<ul style="list-style-type: none"> Ler os aspectos presentes na ficção brasileira contemporânea de Milton Hatoum. Ler e identificar os aspectos, como a linguagem, o hibridismo cultural na ficção brasileira contemporânea “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum. Identificar na obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum, a categoria da alteridade. 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentando trechos da obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum. Comentando e debatendo com os alunos, do Ensino Médio, a linguagem na obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum. Debatendo com os alunos as questões de hibridismo cultural e alteridade presente na obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum.

BIBLIOGRAFIA:

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: Estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2006.

3.1 PRIMEIRA AULA

Para o início desta aula, será feita uma análise de um trecho da obra “Relato de um certo Oriente” (2008), de Milton Hatoum.

Para que os alunos, do 3º ano do Ensino Médio, possam compreender as características da ficção brasileira contemporânea, será apresentado uma síntese do enredo da obra. Em seguida, pedir aos alunos que leiam, silenciosamente, o trecho da obra escolhido pela professora.

Após a leitura, a professora irá fazer uma pequena introdução sobre a Literatura Brasileira Contemporânea (sua importância, seu desenvolvimento e aspectos gerais). Contextualizar sobre o autor Milton Hatoum, ressaltando sua importância na atual ficção brasileira (como, por exemplo, os prêmios “Jabuti” que ele ganhou). Explicar que é um autor que, além de romancista, ele escreve em jornais, profere palestras em universidades e em feiras de livros. É o que se pode chamar de intelectual contemporâneo, pois se insere em temas variados, não somente literários, e que tem presença constante, tanto na mídia impressa como televisiva.

“(...) Ao fim de quatro meses de propostas e contrapropostas, ficou acertado que não apenas o relógio, mas também os espelhos e lustres venezianos, as cadeiras art-decô e um jogo de talheres de prata com cabo de marfim ficariam em posse de Emilie; esta, no jogo paciente e obstinado do

toma-lá-dá-cá, ofertou ao marselhês duas peças de tecido importado de Lyon e um papagaio dotado de forte sotaque do Midi e capaz de pronunciar “Marseille”, “La France” e “Soyez le bien venu”. Separar-se do papagaio foi penoso para Emilie, porque lhe fora presenteado por Hindié Conceição, que durante muito tempo amestrou o o aracanga na arte de bem falar. Da sua moradia suspensa, construída no meio do pátio dos fundos da Parisiens, ele rezava uma Ave-Maria, citava um versículo do Deuteronômio e no início da noite e nas manhãs ensolaradas as palmas de Emilie ritmavam a canção predileta das duas amigas: “Baladi Baladi”. Ao anoitecer os fregueses e visitantes mais distraídos tratar-se de uma transmissão radiofônica em ondas curtas, de uma novena ou missa realizada no outro lado do oceano. Parece que vovô os corrigia, dizendo-lhes “aqui no Amazonas os que repetem as palavras dos apóstolos são cobertos de penas coloridas e cagam na cabeça dos ímpios.” Emilie sabia que Laure, ao emitir cânticos com vozes de brinquedo de dar corda, irritava o marido a ponto de mantê-lo sempre afastado do pátio. No entanto, ela só começou a desencantar-se com a ave quando esta embirrou com uma das empregadas que serviu à família, antes da chegada definitiva de Anastácia Socorro. Era uma negra órfã que Emilie escolhera entre a enxurrada de meninas abandonadas nas salas da Legião Brasileira de Assistência; estava tão faminta e triste que havia esquecido seu nome e sobrenome e só se comunicava através de gestos e suspiros. Laure, no primeiro contato com a novata, antipatizou com ela: recusava-se a bicar as bananas e os mamões, a ingerir a tapioca com leite servida pela doméstica e interrompia uma canção ou uma reza ao notar a presença da menina no pátio. Emilie tolerou essa birra por algum tempo, mas dispensou a empregada no dia em que Laure amanheceu com o bico coberto por uma pasta que era a mistura de uma baba gosmenta com sal. Desde então, a ave silenciou. Nos meses de negociação com o marselhês, Hindié levou o papagaio de volta à sua casa, empenhou-se arduamente para que ele recuperasse a voz e logrou ensinar-lhe algumas frases em francês. O marselhês ficou tão impressionado com a desenvoltura fonética da ave que, temendo a sua fuga, aparou-lhe as penas, construiu-lhe uma gaiola de bambu e, contrariando o sexo do animal, rebatizou-a com o nome de Strabon. Os franceses e clientes do restaurante “La Ville de Paris”, situado na rua do Sol, ficaram surpresos ao ver uma gaiola

quase do tamanho de uma jaula, pendendo sob o eixo do ventilador do teto: a gaiola oscilava e girava como um móbil gigante flutuando à deriva no meio do pé direito de oito metros. Só quando as palhetas do ventilador paravam de girar é que era possível enxergar Strabon, encolhido, as penas eriçadas e a cabeça enfiada no corpo. Livre das rajadas de vento, a ave recobrava sua forma original: o calor lhe devolvia a plumária furta-cor e o jeito sobranceiro, e uma voz grasnenta repetia a última frase aprendida: “Je vais à Marseille, pas toi?” Uns riam sem compreender, outros se entristeciam porque o porto para onde Strabon se destinava era-lhes impossível e só aguçava a nostalgia do Midi distante. Emilie, por sua vez, enfureceu-se ao saber que o marselhês expunha Laure ao vendaval artificial para que o animal se aclimatasse, desde já, às lufadas de vento frio do inverso europeu. Um dia resolveu ir até o restaurante, mas estacou diante da porta ao ver a colônia francesa concentrada debaixo da gaiola e olhando para cima, enquanto um cego acompanhava no acordeão a marselhesa, entre garrafas de vinho tinto e champanha. Voltou para casa indignada e desabafou: - Com tantos galos soltos por aí, decidiram fazer de um papagaio o símbolo da Pátria. Só falta transformar a minha bichinha numa arara tricolor.”⁵

Após a leitura do trecho, selecionar, com os alunos, as expressões desconhecidas e explicá-las, para uma melhor compreensão da obra. Solicitar aos alunos que, na próxima aula, destaquem os trechos desconhecidos dentro da realidade do texto. Pedir para que eles tragam essas dúvidas, que serão debatidas e esclarecidas em sala dentro do universo da obra “*Relato de um certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum.

3.2 SEGUNDA AULA

Iniciar a segunda aula com a solicitação da lista, com as expressões desconhecidas, do texto lido aos alunos. Caso não tenha nenhuma dúvida por parte deles, destacar algumas expressões e/ou situações e inseri-las no enredo da história

⁵ HATOUM, Milton. Op. cit., p. 22-24.

“*Relato de um certo Oriente*” (2008), de Milton Hatoum. Em seguida, questionar com os alunos o seguinte:

1. Mostrar um mapa do estado da França, para os alunos, e situar a cidade de Lyon, citada no texto. Também explicitar a importância da capital da França, Paris, para a cultura universal.
2. Perguntar a eles “qual a importância da França no Líbano?”.
3. Questionar a eles “o que vocês conhecem da cultura libanesa? Como por exemplo, conhecem os alimentos, os costumes?”.

Como atividade para a próxima aula, pedir para os alunos trazerem reportagens sobre a polêmica do uso do véu pelas mulheres árabes, na França. Destacar as questões relativas à categoria da alteridade.

3.3 TERCEIRA AULA

Com os exemplos trazidos pelos alunos, a respeito da questão do uso do véu pelas mulheres muçulmanas, na França, explicar a categoria da alteridade, da seguinte forma:

1. A questão do uso do véu.
2. Os usos e os costumes dos países - no Brasil (Amazônia) e em Líbano (comida, festas, reuniões familiares, etc).
3. Destacar a possibilidade que o autor Milton Hatoum, na obra “*Relato de um certo Oriente*” (2008), evidencia. Ou seja, alteridade = tolerância.

“(…) Mas, em algumas reuniões de sextas-feiras, o prenúncio da manhã não os dispersava. Eu acordava com berros dilacerantes, gemidos terríveis, ruídos de trote e uma algazarra de alimárias que assistiam à agonia dos carneiros que possuíam nomes e eram alimentados pelas mãos de Emilie. Corria até o quarto dos pais e, através das frestas dos janelões, via o sangue esguichar do pescoço do animal, cobrir-lhe nos pelos alvos e cacheados.

Naquele corpo agonizante, alastrava-se uma cor indecisa que lembrava uma mancha nascente. Esperava-se o sangue escorrer até a última gota, para então cortar, esquartejar e destrinchar o animal. Com as mãos, Emilie arrancava-lhe as vísceras, arrumando sobre uma placa de cedro o que seria aproveitado, e atirando aos animais as partes rejeitadas pelo homem. E enquanto um vórtice se formava ao seu redor – aves, quadrúpedes e símios disputando as estranhas do carneiro – ela lavava, limpava o fígado, e o temperava com sal, pimenta – do – reino e hortelã. Os tabuleiros de gamão eram retirados da mesa e algum jogador lembrava que o próximo lance de dados lhe pertencia. Emilie ajudava Anastácia Socorro a trazer os pães de massa folheada, dobrados como se fossem lenços de seda, e uma cesta com figos - da – índia, jenipapos, biribas, abacaxis e melancias; e numa cumbuca de barro cozido, entre papoulas colhidas do jardim, havia cachos de pitomba, réstias de maracujá do mato e outras frutas azedíssimas, que em contato com a língua provocavam calafrios no corpo e crispações no rosto. Mas o rosto de Anastácia Socorro se crispava por outra razão: depois de arrumar a mesa, ela se refugiava numa das alfurjas da casa, para não presenciar a cena da comilança. No centro de pátio iluminado pelo sol equatorial, homens e mulheres repetiam o hábito gastronômico milenar de comer com as mãos o fígado cru de carneiro. Não era a um ritual bárbaro ou ao sacrifício de um animal que eu assistia do quarto dos pais, mas sim a uma novidade assombrosa, a uma festa exótica que tanto contrastava com o ritmo habitual da casa (...).⁶

3.4 QUARTA AULA

Solicitar que os alunos tragam exemplos, como recortes de jornais e revistas, de vivência e tolerância: seja no Brasil, seja fora do Brasil. Explicar a eles que irão criar um mural com os recortes. Em seguida, estabelecer um debate com as outras disciplinas, como por exemplo História, Geografia, dentre outras, com a finalidade de diminuir a violência nas escolas.

⁶ HATOUM, Milton. Op.cit., p. 51-52.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Milton Hatoum é considerado o romancista mais importante e influente na Literatura Brasileira Contemporânea. Sua obra “*Relato de um certo Oriente*” (2008) faz com que o escritor seja reconhecido pelos críticos e pelos leitores do Brasil e do exterior.

O escritor, nesta obra, mostra o contexto sociocultural da Amazônia e do Oriente. Talvez por ter convivido com a cultura, a religião e a língua árabe. Ter vivido no Oriente Médio, na África, evidencia um pouco de suas experiências pessoais e também familiares, não sendo como uma mera autobiografia, mas como feito através da memória e de lembranças, como algo natural, ligados a sua própria história. A sua linguagem é considerada envolvente, faz com que o leitor se apaixone pela sua literatura.

A alteridade, tema abordado na obra, está voltada para a condição humana e para a diversidade cultural, produzida no fim do século XX.

Por fim, a sociedade brasileira é formada por diferentes etnias e por características culturais diversificadas nos planos sociais e culturais, que vêm marcado, muitas vezes, pelo preconceito e a discriminação. A escola deve ser um local de aprendizagem e tem como desafio reconhecer a diversidade etnocultural e superar os tipos de discriminação já existentes, como também permitir a igualdade dos diferentes, uma cultura de paz, com tolerância e respeito.

Hatoum mostra que a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizem a nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ALTERIDADE. Disponível em: <<http://pt.shvoong.co/humanities/philosophy/1877726-alteridade/#ixzz1WS2UVDD5>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

ALTERIDADE. Disponível em: <<http://revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/alteridade.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2011.

BETTO, Frei. *Alteridade, subjetividade e generosidade*. Disponível em: <<http://www.freibetto.org/index.php/artigos/72-alteridade>>. Acesso em: 09 set. 2011.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito*. As ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. São Paulo: Annablume, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de.(Org.). *Arquitetura da memória*. Ensaios sobre os romances *Relato de um certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/UNINORTE, 2007.

FRANCISCO, Denis Leandro. Linguagem, memória, ruínas: Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum. *Revista Em tese*, vol. 12, dez. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2012/Linguagem.pdf>. Acesso em: 25 set. 2011.

HATOUM, Milton. *Biografia*. Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/biografia/a-historia-do-autor>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

_____, Milton. *Relato de um certo Oriente*. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NUTO, João Vianney Cavalcanti. Alteridade e autoridade. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, vol. 12, n. 2, p. 183-186, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/18-Alteridade-e-autoridade.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PACHECO, Joice Oliveira. Identidade cultural e alteridade: problematizações necessárias. *Revista eletrônica da UNISC*. Santa Catarina: 2004.

PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: Estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2006.

_____, Tânia. *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*. Luso Brazilian, n.41, v.1, 2001.

SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TOLEDO, Marilena Paula Marcondes e Ferreira de. *Entre olhares e vozes*. Foco narrativo e retórica em *Relato de um certo Oriente e Dois Irmãos* de Milton Hatoum. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.
